

QUADRILHA ESTILIZADA, HIBRIDIZAÇÃO, RESISTÊNCIA, OU UMA INVENÇÃO DA TRADIÇÃO?¹

Jane Emirce de Melo ²

Resumo

Os festejos juninos representam vários encontros disseminados na consciência coletiva do povo brasileiro especialmente nos estados do Nordeste. A quadrilha, o folguedo mais tradicional do ciclo junino, chegou ao Brasil pelo colonizador português e de logo recebeu uma versão caricaturizada. A quadrilha junina sofreu nos últimos anos, drástica transformação na sua performance, ou seja, passou por tamanha transfiguração que mal se reconhece o folguedo, seja na sua coreografia, na indumentária dos pares, nos ritmos e letras de música que acompanha a dança. A profusão de novos elementos à quadrilha junina, revolucionou e dividiu opiniões, o público quer ver o espetáculo, os estudiosos e pesquisadores estudam o fenômeno e a mídia valoriza e levanta a massa através de concursos cada vez mais competitivos das chamadas quadrilhas estilizadas.

Palavras-chave

Festa – tradição – ciclo junino – resistência – quadrilha.

A tradição dos festejos juninos tem a sua derivação das homenagens aos deuses pagãos quando as populações camponesas festejavam as colheitas em toda a Ásia, África e Europa. O fogo, marcante nessas comemorações, utilizado para afastar as pestes, os espíritos maus, o frio, a má colheita, enfim, toda a sorte de malefícios, representando o deus fecundador, purificador e conservador reverenciado nos cultos dos lares, penates e dos antepassados CASCUDO (2001). São João Batista está ligado à tradição do culto ao fogo pelo fato de seu nascimento, segundo a lenda, ter sido anunciado a Maria mãe de Jesus, através de uma grande fogueira e coincidir com o solstício de verão, quando das comemorações agrárias. O ciclo junino costuma-se ser comemorado às largas, com muita diversão, dança, música, comidas típicas da época e acrescido de forte tempero sexual. Essas homenagens entremeadas pela devoção e com forte apelo do catolicismo popular foram trazidas para o Brasil pelo colonizador português que transferiu aos gentios a força da superstição e os

¹ Tema apresentado ao NP Folkcomunicação, XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006.

² Professora de Cultura Popular e Turismo e Comunicação Social da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Campus Recife-PE.

encantos que envolvem as comemorações não apenas dedicadas a São João, mas para todos os outros santos reverenciados no mês de junho, Santo Antonio e São Pedro. Ressalva para São José que é comemorado no dia 19 de março, dia de se plantar o milho para os festejos de São João.

Especialmente no Nordeste, o amálgama dos festejos juninos está ligado ao espírito do povo, dada a forma fantástica de todos os elementos que se convergiram para tornar as comemorações um misto de valores, crenças, divertimento “coincidindo” até mesmo com colheita do milho. O clima, que nesta região do Brasil é predominantemente quente, nessa época esfria um pouco e as noites pedem o aconchego da família em volta de uma fogueira, os pares jurando amor e as crianças a brincar com fogos e balões (inocentáveis). Há quem afirme que após nove meses a contar de junho a população dá um salto demográfico, teria haver com emblemático clima dionisíaco? Quando o clima de festa, danças, como por exemplo, o Acorda Povo (a derradeira procissão profana), onde os pares trocam umbigadas, acompanhada de músicas, bebidas, adivinhações para arranjar casamento, banhos coletivos entre outros apelos de alegrias transbordantes aproximam as pessoas numa cadeia onde o fenômeno de caráter natural se comunga com os fatores culturais formando um ciclo se que completam.

O ciclo junino tornou-se um dos mais importantes eventos do calendário turístico da Região Nordeste, aumentando nesse período o fluxo de parentes que voltam à terra natal para (re) viver os bons momentos em família. Em todas as cidades, o São João é comemorado com bastante animação, criatividade, abundância de comidas, bebidas, fogos, fogueiras, bandeirinhas e muitos folguedos populares. As danças representadas pela herança das três raças e as influências de vários povos que contribuíram para a formação da cultura brasileira, ainda se encontram fortemente presentes nas comemorações coletivas, especialmente durante os festejos joaninos como o forró pé de serra, o xaxado, o baião, o maxixe, o rojão, e a mais festejada de todas a quadrilha junina, que nos últimos tempos se moldou, transfigurou-se tomou novas formas sendo agregada à mesma o termo “estilizada” motivo de estudo e objeto deste trabalho.

Pergunta-se: quais seriam os fatores que propiciaram a brusca transformação da tradicional quadrilha matuta para o re (criado) e revolucionário formato da quadrilha estilizada? E de que modo os novos elementos simbólicos do folgado podem ser interpretados? Quais as

repercussões e os efeitos sócio-culturais da quadrilha estilizada como fenômeno de mudança nas tradições do São João do Recife e demais cidades da Região Nordeste? E qual a opinião do recifense diante da ascensão da quadrilha estilizada e a decadência vertiginosa da tradicional quadrilha matuta?

A quadrilha de roupas remendadas, chapéu de palha, de passos molengos e caricaturados, do som à base da sanfona do triângulo e do zabumba foi se afastando do cenário junino especialmente dos festejos da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco e por conseqüência atingindo todos os estados do Nordeste. Apenas nas semanas que antecedem o São João, a quadrilha matuta ou tradicional é lembrada por crianças e adultos quando ainda ensaiam um *Anavantur...Anarriê* nas brincadeiras improvisadas. Enquanto isso, a quadrilha estilizada já conquistou o seu espaço, continua em escala ascendente, recriando e inovando num ritmo alucinante de pesquisa e atualização estética. Ligada à outra por um fio tênue, não despercebido do “olhar” atento do pesquisador social. Denunciando uma ruptura de valores e/ou rejeição à tradicional quadrilha matuta que segundo CASCUDO (Op.cit.), esse gênero seria uma sátira popular derivada da dança palaciana que abria os bailes aristocráticos nos países da Europa e da América. Cenas de bailes semelhantes podem ser constatadas no filme *Independência ou Morte*, produzido em 1972 e direção de Carlos Coimbra.

No Inventário da Oferta Turística de Pernambuco realizado pela EMPETUR e SEBRAE com o apoio da SUDENE (A-2.7.4-1998), a quadrilha junina é assim descrita: “Hoje, observa-se em vários municípios do Estado uma mudança na estrutura original da quadrilha – a indumentária (incluindo um guarda-roupa mais rico e com características do apresentado pelo folclore gaúcho), da coreografia e do repertório musical, que passou a ser mais amplo e não necessariamente relativo ao período de São João”. No guia *História do Folclore da Secretaria de Turismo da Prefeitura do Recife* (1997) tem-se a definição: “É uma nova forma de expressão junina. São grupos de dança com diversas coreografias, onde os dançarinos executam passos específicos àquela música. Seus trajes lembram roupas típicas do Sul do País”.

No início da década de noventa, ao ser entrevistado por uma rede de TV, em um programa de auditório, um “quadrilheiro” dava conta de que, a travessia da quadrilha tradicional à estilizada devera-se ao fato de um grupo pernambucano homenagear o povo gaúcho, numa

época em que os estados da Região Sul ensaiaram um movimento separatista donde, se conseguissem, o novo país se denominaria de República dos Pampas. O movimento não prosperou, contudo, a tendência do folclore gaúcho especialmente as danças e as indumentárias foi um braço para a derivação da quadrilha estilizada. Na fase de transição de estilo, as quadrilhas se apresentavam com bombachas, chapéu de feltro, lenços vermelhos no pescoço, boleadeiras. As moças com trajes e adereços também fazendo uma alusão à indumentária típica das danças sulistas, diferente dos vestidos de chita da quadrilha tradicional ou matuta.

O aparecimento da quadrilha junina denominada de “estilizada”, coincide com a época do episódio acima descrito, data do final da década de oitenta para início dos anos noventa. Após duas décadas, a marca da quadrilha estilizada já se distanciou da influência gaúcha dos primeiros anos hoje, está impressa na suntuosidade, no luxo, no brilho e nos ritmos ligeiros das músicas, uma apresentação quase carnavalesca.

Em todos os aspectos, a quadrilha estilizada na sua re (criação) se distancia do formato da tradicional quadrilha matuta ou tradicional, a primeira, exibindo uma profusão de novos elementos aproximando-se do estilo carnavalesco numa raptura brusca ao formato tradicional cuja base se consubstancia de roupas de chita, chapéu de palha, estilo satírico e caricaturizada.

Muito embora ao longo da sua trajetória, a quadrilha estilizada tenha enfrentado uma resistência perene e até certo ponto velada, nada tem interferido para a sua consolidação como folguedo de expressiva representatividade nos festejos juninos dos estados nordestinos nos últimos anos.

Os fatores imbricados ao tema quadrilha estilizada, como a questão da tradição e contradição, a globalização e a pós-modernidade responderiam as respostas para tal fenômeno? Entende-se que se justifica o interesse para a realização de uma pesquisa científica, pela autenticidade e, principalmente pela busca à compreensão de significativos aspectos da simbologia popular no mundo contemporâneo.

Ao instituírem inicialmente, a indumentária, os adereços a coreografia do folclore do Rio Grande do Sul os “quadrilheiros” estariam reagindo a um “ensaio” de um movimento separatista capitaneado pelos sulistas no final dos anos oitenta? Seria ainda uma demonstração de força e resistência cultural?

O advento da quadrilha estilizada nos festejos juninos do Recife é recente, contudo, já faz parte do calendário oficial das instituições públicas e privadas. Os novos elementos instituídos ao folguedo, a forma como vem se estabelecendo no espaço social e cultural da cidade são explicados como necessidade de adaptação às circunstâncias diversas denominadas por Hosbawm (1997):

“Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” E [...] “às vezes coisa de poucos anos apenas – se estabeleceram com enorme rapidez”.

Com essas definições, a re(criação) da quadrilha junina, denominada de estilizada, reúne elementos que sinalizam para um fenômeno da “invenção da tradição”.

A obra de Hosbawm (Op.cit), sobre a Invenção das Tradições faz uma alerta para o que existe por trás ou “explicitamente” da simbologia e dos rituais expressos pelas necessidades de mudar, resistir para de certa forma dar continuidade histórica aos valores culturais de um povo, uma comunidade etc. E o exemplo de maior impacto é com referência à pompa da realeza britânica nos dias atuais, sendo que esse aparato todo é de tradição recente.

O autor também cita algumas definições importantes que ajudam a identificar o fenômeno da tradição inventada. Como as redes de convenção dos costumes, as rotinas, e as chamadas regras inseridas nos jogos e/ou padrões sociais. Outro fator não menos importante refere-se à ruptura de práticas sociais. Mas lamenta, que os historiadores ainda não estudaram convenientemente o assunto e as suas implicações simbólicas.

Enquanto fenômeno social a quadrilha estilizada estaria legitimada nesta definição de Carvalho (1986)

“Toda prática social é determinada por um jogo de forças (interesses, motivações, intencionalidades), pelo grau de consciência de seus atores, pela visão de mundo que os orienta, pelo contexto onde esta prática se dá; pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e próprias à realidade em que se situam”.

Ao longo de sua trajetória a quadrilha estilizada tem demonstrado progressiva articulação comunitária partindo do aspecto folclórico à organização e padronização de um modelo

multifacetado de idéias e práticas sociais. Observa-se nesta colocação de Gramsci³ uma aproximação com a realidade da quadrilha estilizada senão, vejamos:

“A cultura popular, as tradições, o folclore e as reivindicações das massas urbanas foram alguns pontos mais destacados pelos analistas da questão urbana e dos movimentos sociais nas análises de Gramsci. Trata-se da problemática da construção da hegemonia popular ou contra-hegemonia à classe dominante”.

Os estudos dos movimentos sociais especialmente no tocante aos temas interdisciplinares exigem exaustivas discussões, debates, pesquisas entre os teóricos de segmentações várias das Ciências Sociais isto porque na opinião de Gohn (Op. cit.)

“Ainda temos dúvidas sobre os caminhos que nos levam à construção de explicações teóricas para os movimentos sociais latinos americanos, especialmente na era da globalização, quando das fronteiras entre as nações são ofuscadas, e os fenômenos locais tendem a serem absorvidos pela dinâmica do global”.

Como foi dito, a quadrilha estilizada vem operando desdobramentos em várias áreas do conhecimento, no tocante aos aspectos socioeconômicos encontra sintonia em Gohn (Op.cit), na sua abordagem sobre a economia informal:

“Assim, o padrão de desenvolvimento que se instaura legitima a exclusão integradora, modelo perverso de gestão da crise, que recupera a legitimidade política e cria condições para um novo ciclo de crescimento econômico com a redefinição dos atores sócio-políticos em cena”.

Apresentado por Guidens⁴, (1991) uma hipótese para análise dos movimentos sociais em tempos de globalização – cujo perfil dos novos atores sociais estaria fundada na participação, facilidade em se trabalhar em grupos, criatividade, inovações, que se realizem em ambientes abertos e onde as discussões e idéias possam prosperar. Neste contexto ver-se desenhado o formato da quadrilha estilizada como um novo modelo de movimento social na contemporaneidade. Afirmando que nunca haverá uma teoria definitiva para os fenômenos dos movimentos sociais, Gohn (op.cit.), conclui que:

“Trata-se de uma característica do próprio objeto de estudo. Os movimentos sociais são fluidos, fragmentados, perpassados por outros processos sociais. Como uma teia de

³ Citado por Gohn (Op. cit.)

⁴ Citado por Gohn (Op. cit.)

aranha eles tecem redes que se quebram facilmente, dada sua fragilidade como as ondas do mar que vão e voltam eles constroem ciclos de história, ora delineando fenômenos bem configurados, ora saindo do cenário e permanecendo nas sombras e penumbras, como névoa esvoaçante, mas sempre presentes”.

A Quadrilha estilizada é um desses fenômenos que pelas características apresentadas se aproximam e ao mesmo tempo se afastam dos paradigmas teóricos delineados por Maria da Glória Gohn sobre os movimentos sociais. Na era da globalização, este seria um novo modelo de movimento social? Somente um estudo aprofundado por meio de uma pesquisa de cunho científico se chegará [provavelmente] à resposta.

Os desdobramentos sócio-culturais e econômicos advindos desse novo fenômeno têm reforçado a ascensão da quadrilha estilizada na cidade do Recife.

A especialização de uma nova categoria denominada de “quadrilheiro” tem avançado com muita rapidez. São estilistas, coreógrafos, dançarinos que preparam os seus grupos estes, cada vez mais sofisticados. A movimentação da mão-de-obra informal como costureiras, bordadeiras, desenhistas, pintores etc. O envolvimento do terceiro setor interagindo com as comunidades participantes na condução de projetos paralelos com o objetivo de minimizar o quadro de miséria social é outra realidade decorrente dos efeitos desse novo folguedo.

Em linhas gerais, a abordagem teórica do presente estudo será delineada pelas teorias que sustentam as teses da pós-modernidade. Senão vejamos o que afirma HALL (2002) no seu livro sobre A Identidade Cultural na Pós-Modernidade:

“Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou outro: ou retornando as suas ‘raízes’ ou desaparecendo através da assimilação e homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema”.

É sabido que as influências culturais interferem e refletem decididamente nos comportamentos dos seres humanos especialmente na área de domínio do tempo e do espaço como fontes de poder social. Oportunizando o aprofundamento do estudo para a investigação dos fenômenos próprios que regem o jogo que definem os caminhos da pós-modernidade. Por outro lado, não se pode abordar o tema globalização cultural sem falar no fenômeno da hibridização BURKE (2003), “Não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum* cultural”. Isto porque, as

influências de vários matizes culturais pululam por toda parte e interferem decididamente nas vidas das pessoas. Aliado a esses fatores tem-se ainda os apelos do turismo e as mudanças por ele provocadas tanto no que refere a aculturação como também o processo convidativo da ascensão econômica e a competitividade dos territórios, enquanto pertencimento de lugar e auto-estima.

Os Concursos

Os concursos de quadrilha junina são os maiores instrumentos para a consolidação do formato estilizado desse folguedo. A cada edição do concurso o que se assiste é mais suntuosidade, luxo e brilho do guarda-roupa das quadrilhas estilizadas, coreografias tecnicamente elaboradas, maquiagens requintadas e até alegorias como as escolas de samba do Rio de Janeiro. Além dos gastos com alimentação, transportes e outras despesas, um batalhão de contra-regras, produtores e auxiliares acompanha a caravana a cada exibição. Sabe-se que os prêmios estão longe de compensar o montante investido, contudo, o *status*, de ficar nos três primeiros lugares, ter a oportunidade de participar de um concurso, estar na *mídia*, para os brincantes, essas compensações não têm preço e todo esforço vale a pena.

Compõe a platéia, parentes, familiares e grande parte da comunidade que sem piscar, acompanham os desdobramentos e evolução no asfalto da sua quadrilha predileta, alçando abadá e entoando coros e gritos de guerra. A Rede Globo Nordeste em parceria com a Federação de Quadrilhas Juninas de Pernambuco promove há dezoito anos, o Concurso de Quadrilha Junina. Nos meses que antecedem os concursos de quadrilhas juninas, os componentes se desdobram para angariar fundos e assim poderem preparar os seus grupos à altura de um campeonato da estirpe da Rede Globo de Televisão, afinal, toda região está envolvida numa disputa acirradíssima. Para este ano de 2006, os prêmios em dinheiro estão assim discriminados: o primeiro lugar receberá o valor de R\$ 6.000,0 (seis mil reais), para o segundo lugar R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) e o terceiro R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais). Este ano a realização ocorrerá na cidade histórica de Igarassu localizada na Região metropolitana do Recife-PE. Como já foi dito o fato de uma comunidade periférica participar de um concurso com tal abrangência já é suficiente para a os atores sociais dentro do seu bairro, escola, trabalho vislumbrar vãos maiores inclusive na carreira profissional uma vez que a maior parte dos componentes são jovens.

Considerações

Ao volver as investigações preliminares sobre as transformações da quadrilha estilizada, após visitar autores como Hosbawm com a sua teoria da invenção da tradição, Gohn e o seu aprofundado estudo sobre os movimentos sociais, Burke tecendo sobre a globalização e o fenômeno da hibridização, embora ainda muito se tenha a pesquisar sobre o assunto, vê-se que para explicar a transmutação da quadrilha tradicional ou matuta para a quadrilha estilizada uma só teoria não chega a ser suficiente para dar conta das vertentes imbricadas nesse processo de âmbito cultural, econômico e social. Pode-se também admitir na linha do pensamento da resistência cultural que nos anos oitenta, momento em que a quadrilha matuta ou tradicional já não contava com uma platéia à altura do esforço dos brincantes, explicando melhor, o folguedo agonizava, a sua transformação radical foi uma estratégia para não perecer ou ficar no esquecimento. Das cinzas renasce um folguedo vibrante de cores, animação, coragem e futuro promissor de novas roupagens quando esta não estiver mais motivando platéias e brincante.

Há quase duas décadas que o formato de quadrilha estilizada predomina nos arraiais periféricos da cidade do Recife, multidões acompanham avidamente os resultados dos concursos. Porém, um aspecto inusitado é que, ao se indagar os pernambucanos quanto a sua preferência de estilo, os resultados não condizem com a alta audiência durante as apresentações das quadrilhas estilizadas é que as respostas esmagadoramente apontam para a quadrilha matuta ou tradicional, numa demonstração clara do discurso conservador mas, revelado no apego indecifrável às raízes culturais.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Rita. A Festa como Objeto e como Conceito. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, 1998.

BAKTIN, M., Cultura Popular na Idade Média e no renascimento: Contexto de François Rabelais, São Paulo: Hucitec, 1999.

BALLANDIER, G., A Desordem – Elogio do Movimento, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARROS, A.,/LEHFELD, N., Projeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas, 9ª., Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BORBA, A., [et. al.], Brincantes, Recife: Fundação da Cidade do Recife, 2000.

BORHEIM, G., O Conceito de Tradição In: BORHEIM, G.; BOSI, A.et. Alli, Cultura Brasileira – Tradição/Contradição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997 (p. 13-29).

BURKE, Peter, Hibridismo Cultural, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CÂMARA CASCUDO, L. da, Dicionário do Folclore Brasileiro, 10ª. Ed., São Paulo: Global Editora, 2001.

CANCLINI, N. García, Consumidores e Cidadãos, 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CONNOR, S., Cultura Pós-Moderna, 3ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOLDENBERG, M., A Arte de Pesquisar: Como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais, 3ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 1999.

HALL, S., A Identidade Cultural na Pós-Modernidade, 7ª Ed., Rio de Janeiro, 2002

HARVEY, D., Condição Pós-Moderna, 7ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 1992.

GOHN, Maria da Glória. Teorias dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

KONDER, L., O Que é Dialética, 28ª Ed., São Paulo, Brasiliense, 2001.

INVENTÁRIO DA OFERTA TURÍST. DE PERNAMBUCO, Olinda: EMPETUR, 1998.

LANDIM, C. A., [et. Al.], Quadrilha Junina – História e Atualidade – Pesquisa de campo, Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, São João, 2002.

LIMA, C., História do Folclore, Recife: Secretaria de Turismo do Recife, 1997.

SOUZA, S., Boaventura de. Pela Mão de Alice (o social e o político na pós-modernidade), São Paulo: Cortez, 1995.